

Trinta e um anos, muitas luas e memórias indeléveis - Crítica do espetáculo
Um dia ouvi a Lua

Por Simone Carleto¹

A obra *Um dia ouvi a Lua*, remontada pela Cia Teatro da Cidade, tem dramaturgia de Luís Alberto de Abreu, que foi inspirada nas canções “Adeus, Morena Adeus”, “Cabocla Teresa” e “Rio Pequeno”, gravadas pela dupla caipira Tônico & Tinoco. Na peça são narradas as histórias de Beatriz, Teresa e S'a Maria. Entretanto, o ponto de vista adotado nas narrativas é o das mulheres. Assim, são apresentados acontecimentos de suas vidas, envolvendo amores, afetos, incertezas e resistências. A direção de Eduardo Moreira mescla a proposição fundamental do Teatro Nô presente na obra à contemporaneidade de elementos cênicos do ponto de vista da movimentação do elenco na área representacional. Desse modo, consegue imbricar as características mnemônicas da infância dos atores e atrizes com o trânsito com uma certa memória coletiva, que se forma em cena a partir do desenho que se forma com as idas e vindas de cada ator/atriz em seus espaços verticais, considerando o fundo e frente do palco como limites do movimento em linhas. Também agrupamentos se formam a partir de brincadeiras em comum, o que auxilia no “transporte” da pessoa espectadora do espetáculo.

Nesse particular, além da codireção de Claudio Mendel, que está presente na direção de toda a trilogia envolvendo o Teatro Nô e a dramaturgia de Luís Alberto de

¹ Atriz, diretora e artista-pedagoga de teatro, Simone é Mestre, doutora e pós-doutoranda em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Coordenou a Escola Viva de Artes Cênicas e o Programa Municipal de Fomento ao Teatro e à Dança de Guarulhos. Atua como professora do Curso Profissionalizante em Teatro do Centro de Artes Cênicas (CAC) Walmor Chagas, em São José dos Campos.

Abreu montada pela CiaTeatro da Cidade², o início do espetáculo remetendo às brincadeiras, também funciona como embreante para que o elenco seja “aquecido” pela ação física e a memória em torno das vivências coletivas comunitárias de outro tempo que não o presente. E as imagens desses momentos ocupam o espaço do palco e permitem que o público se veja nos corpos que brincam. Está aberto o portal da imaginação para as histórias que se seguem.

Composto por Andréia Barros, André Ravasco, Caren Ruaro, Carol Grignoli, Laura Ramalho e Romulo Scarinni, o elenco narra, interpreta, canta e partituriza, no sentido de executar as chamadas partituras de movimento, que dizem respeito à camada de construção do espetáculo que depende da criação dos atores e atrizes, definindo os espaços, ritmos e intenções das ações praticadas no palco. Os figurinos que se transformam de acordo com as personagens representadas, os adereços que possibilitam construções cênicas criativas e dinâmicas, como a corda que permite que André Ravasco e Caren Ruaro contracenem em correlação de forças, coerente com a situação de aproximação e afastamento, andanças e encontros.

A poesia que brota do modo cuidadoso com que se desenvolvem as ações durante a encenação do espetáculo toca diferentes órgãos do sentido, que propiciam diferentes pontos de contato com a narrativa. É possível associar as histórias contadas com histórias vividas, com histórias que se ouviu um dia, com sensações sentidas em momentos diversos, e, além disso, cada uma das histórias também pode ser metáfora para o contato com ainda outras vivências, tamanha é a capacidade de visualização que é posta em cena, com destaque para a experiente atriz e veterana nesse tipo de construção, como atriz e professora, Andréia Barros. A profundidade do que ela enxerga em cena é tocante de tal modo que nos atravessa em lugares inexprimíveis. Me recordei da sensação que tive em algumas encenações de Antunes Filho, que notadamente buscavam essa relação de transporte imagético por parte do público, “conduzido” pela “capacidade” de visualização de atores e atrizes.

Carol Grignoli, Laura Ramalho e Rômulo Scarinni, pela primeira vez na montagem, trazem domínio das nuances narrativas como personagens, intérpretes e atrizes/ator que permanecem em cena. Fruto da generosidade daquelas(es) com quem dividem o palco, além do mestre Claudio Mendel. Assim, o coletivo que se apresenta nessa remontagem é harmônico, feliz, sendo possível perceber a alegria

² Formada por *Maria Peregrina*, *Um dia ouvi a Lua* e *O coração nas sombras*.

de Andréia e Mendel em poder estar com eles e elas. O coletivo se reconfigura e se estabelece como a comunidade de outrora que representam, e também nos inclui nessa vivência comunal fundamental ao viver.

Tive a gratíssima oportunidade de estar presente no dia em que foi filmado o espetáculo. Trata-se de um registro fundamental da produção do grupo e fica multiplamente gravada em minhas estruturas corpoemocionais: o contato com as imagens encenadas, as imagens produzidas internamente, e as imagens revisitadas no contato com a transmissão do vídeo produzido. Ouvir a Lua é tão poético quanto os dizeres de uma espectadora de Portugal, que foram lidos por mim no bate-papo no dia da gravação e no lançamento dos livros da companhia durante o 35o Festival. Ela descreve como as e os artistas do grupo teriam levado o público "ao mais dentro de nós" e ficariam eternos em sua imaginação, sempre que mirasse a Lua. Abreu persegue a construção de imaginários coletivos com suas obras, e coletivamente construiu-se uma obra que representa a força das construções conjuntas. Congratulemo-nos, portanto, com as e os criadoras(es) dessa tocante obra, nas pessoas já citadas e também Beto Quadros (direção musical), Leopoldo Pacheco e Ana Maria Bomfin Pitui (cenários e figurinos), Robson Jacquè (preparação corporal), Claudia Savastano, Silvia Maria Gonçalves e Maria Nildete Chaves (costureiras), Jessé Fernandes e Gabriela Eifler (fotografia), Leo Grego (direção audiovisual), Misael Campos (edição de vídeo) e Vinicius Barros (produção). Vida longuíssima à Cia Teatro da Cidade!